

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 10
10 de maio de 2023



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

O SÃO PAULO



NÚCLEO
FÉ E
CULTURA
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo

A mensagem do Papa Francisco, para além do óbvio

Num tempo marcado por crises econômicas, tragédias migratórias, uma pandemia catastrófica, acirramento das polarizações e conflitos ideológicos, ganhamos providencialmente um papa que encarna magnificamente o espírito cristão de misericórdia

e perdão, amor aos pobres e aos excluídos, cuidado com o próximo e com toda a criação. Não é à toa que Francisco se tornou, não só para os católicos, mas para o mundo, um sinal de ternura, compromisso social e esperança. Muito se tem dito e escrito sobre ele;

por isso, no recém-comemorado décimo aniversário de seu pontificado, procuramos trazer, para a reflexão, aqueles aspectos menos conhecidos, que fogem do óbvio, mas que permitem uma visão mais profunda de sua mensagem e dos ensinamentos da Igreja.



Igreja em missão: a eclesiologia do Papa Francisco

Pe. José Ulisses Leva*

Francisco vem apresentando a Igreja com misericórdia e amor. “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (*Evangelii gaudium*, EG 1). Carinhosamente, exorta-nos ao dinamismo da Igreja de Jesus Cristo: a propõe “em saída”. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhes pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 20).

O Papa lança a Igreja em meio aos desafios na sociedade, para que no mundo ela desenvolva a missão de evangelizar: “São João Paulo II convidou-nos a reconhecer que ‘não se pode perder a tensão para o anúncio’ àqueles que estão longe de Cristo, ‘porque esta é a tarefa primária da Igreja’ (*Redemptoris missio*, RM 34). A atividade missionária ‘ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja’ (RM 40) e ‘a causa missionária deve ser (...) a primeira de todas as causas’ (RM 86). Que sucederia se tomássemos realmente a

O Evangelho foi primeiro proclamado por Jesus, na Palestina do século I, periferia do Império Romano. A proposta do Papa Francisco é anunciá-lo às periferias geográficas e existenciais do mundo de hoje. Ao longo o seu magistério, não tem dito tantas coisas novas, mas tem apresentado as palavras eternas de Cristo com novidade. Está trazendo dinamicidade e alegria ao anúncio do Evangelho de Nosso Senhor.

sério estas palavras? Simplesmente, reconheceríamos que a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja. Nesta linha, os bispos latino-americanos afirmaram que ‘não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos templos’ (*Documento de Aparecida*, DAp 548), sendo necessário passar ‘de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária’ (DAp 551). Esta tarefa continua a ser a fonte das maiores alegrias para a Igreja’ (EG 15).

“A Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr

pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes, é melhor diminuir o ritmo, pôr à parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas, para, quando ele voltar, poder entrar sem dificuldade” (EG 46).

Marcadamente, o Papa Francisco nos pede um deslocamento das nossas atividades já conhecidas e muitas vezes seguras, para estarmos prontos para respondermos a outros chamados. Ele nos sugere que devemos sair dos nossos refúgios para irmos ao encontro de

outros propósitos e metas. Ele não nos pede uma corrida desenfreada e sem sentido, mas nos indica que precisamos agir com confiança em Deus. Ele nos propõe abertura às indagações e às angústias do homem e da mulher do nosso tempo. Permite e convoca para que estejamos presentes no deserto, na periferia e na fronteira. Precisamos experimentar, segundo a necessária imaginação e criatividade cristã, onde o risco é maior, onde é mais necessária a atividade profética para sacudir a inércia em que a Igreja em sua totalidade está se petrificando ou para denunciar com mais energia o pecado.

O Papa Francisco projeta a missão atual da Igreja, sem a modificar, sem perder a beleza e inteireza de Cristo, nem a transformar amalgamando-a ao mundo, mas retomando-a para anunciar o Evangelho com misericórdia e alegria. Vivendo com a Igreja nestes tempos marcadamente difíceis, sejamos abertos ao Espírito de Deus e atentos aos ensinamentos do Sumo Pontífice.

*Professor de História da Igreja na PUC SP.

O fio de ouro da misericórdia e a ética social do Papa Francisco*

Juan Carlos Scannone**

Na misericórdia, o Papa Francisco encontra “a própria substância” ([Carta ao Cardeal Poli](#)), “o núcleo” ([Misericordiae vultus](#), MV 9), a “palavra-chave” (*ibid.*), a “síntese” (MV 1), a “lei fundamental” (MV 2), o “feixe mestre” (MV 10) da Boa-Nova de Jesus, “a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade” e “o caminho que une Deus ao homem” (MV 2). “Do próprio coração da Trindade, da mais profunda intimidade do mistério de Deus, brota e corre sem parar o grande rio da misericórdia” (MV 25). Sua primeira viagem como Papa fora de Roma, a Lampedusa, foi um grande gesto em direção ao futuro que simboliza esta chave decisiva de interpretação.

Cristo, à luz do Espírito, é o “rosto da misericórdia” (*misericordiae vultus*) do Pai – cujo “atributo mais admirável” consiste precisamente na sua misericórdia, segundo São João Paulo II ([Dives in misericordia](#), DM 13, citado em MV 11), “não [...] um sinal de fraqueza, mas antes a qualidade da onipotência de Deus” (MV 6). Por isso, não pode haver dúvida de que, para Francisco, a misericórdia tem uma raiz trinitária, sobre a qual se funda em última análise a dimensão social do Evangelho ([Evangelii gaudium](#), EG 176). O amor infinito do Pai confere a cada homem e a cada mulher uma dignidade infinita (EG 178). O sangue redentor do Filho “redime não só a pessoa individual, mas, também, as relações sociais entre os homens” (*ibid.*). A ação vivificante do Espírito Santo “age em todos”, “penetra em todas as situações humanas e em todos os vínculos sociais”, “desamarra os nós dos acontecimentos humanos, mesmo os mais complexos e impenetráveis” (*ibidem*). Por isso, “o próprio mistério da Trindade recorda-nos que fomos feitos à imagem desta comunidade divina, para que não nos posamos realizar nem nos salvar sozinho” (*ibid.*), mas como povo fiel de Deus e do seu Reino (EG 176).

Mas, além de ser a substância do Evangelho, a misericórdia é uma das necessidades do nosso tempo, em que “a globalização da indiferença” se realiza em muitos lugares, enquanto, sofremos uma crise socioambiental que ameaça a sobrevivência do planeta (cf. [Evangelii gaudium](#) e [Laudato si](#)). Portanto, não basta uma mera “teoria da misericórdia” ([Misericordia et misera](#) MeM 20), mas “onde houver cristãos, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia” (MV 12), pois, como seguidores de Jesus, “somos chamados a fazer crescer uma cultura da misericórdia”

Ao ser chamado pela Editora Vaticano para escrever um volume sobre a ética social do Papa Francisco, para a coletânea La teologia di Papa Francesco, logo pensei que o fio condutor deveria ser o da misericórdia, que não só inspira sua doutrina social, mas, também, todo o seu agir, ensinar, governar e viver. Este fluxo de água viva conduz imediatamente a outra característica do Santo Padre: o seu desejo de “uma Igreja pobre para os pobres”, com todas as consequências que isto implica, mesmo em relação à nossa frágil “irmã mãe terra”. Este não é apenas o conteúdo, mas, também, o método de sua ética e doutrina social.

Assim, considero que a misericórdia é o fio de ouro transversal tanto à ética social quanto a todo o pontificado de Francisco. Quando se tornou bispo, escolheu um lema que ainda hoje conserva como Papa: a frase de São Beda, o Venerável, miserando atque eligendo, referindo-se a Jesus que olhou para Mateus com amor misericordioso e o escolheu ([Misericordiae Vultus](#), MV 8). É assim que ele não só se reconhece como pecador e destinatário da misericórdia e do perdão de Deus, mas, também, vê sua eleição. Por isso, sente-se chamado a vivê-la, praticá-la e ensiná-la. Pela minha parte, penso que, para Bergoglio, essa frase não é apenas um lema, mas um carisma, um temperamento de espírito existencial, uma doutrina viva, um modo de governo. O que ele afirma em geral pode ser aplicado a ele: “sou amado, logo existo; estou perdoado, por conseguinte renasço para uma vida nova; fui ‘misericordiado’ e, conseqüentemente, feito instrumento da misericórdia” ([Misericordia et misera](#), MeM 16). E assim ele experimenta e comunica “a alegria do Evangelho”.

(MeM 20), até “realizarmos uma verdadeira revolução cultural” (*ibidem*).

No micro e no macro. Francisco lembra que “a proposta é o Reino de Deus (cf. Lc 4, 43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio quanto a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais” (EG 180). O seu “princípio de discernimento” é a universalidade, como São Paulo VI indicou em relação ao desenvolvimento: “todos os homens e o homem todo” ([Populorum progressio](#), PP 14), isto é, “todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes de convivência e todos os povos” (EG 181). É assim, por exemplo, que a exortação pós-sinodal [Amoris laetitia](#) (AL) transmite não só a alegria do amor, mas, também, a compreensão benevolente para o condicionamento de tantos matrimônios em “situações irregulares” (Cap. 8), num espírito de misericórdia sem prejuízo da verdade e da justiça.

No início de [Misericordia et misera](#), o Papa contempla, com Santo Agostinho, o encontro “face a face” entre Jesus, “rosto da misericórdia” do Pai, e a pecadora miserável, que representa cada um de nós (incluindo ele mesmo, que muitas vezes se declara pecador), como motivo para abrir o coração à misericórdia e à reconciliação com os nossos irmãos pecadores e sofredores (MeM 1).

Mas, como já dito, refere-se não apenas ao encontro interpessoal, às microrrelações, mas, também, às macrorrelações ([Caritas in veritate](#), CV 2), mediadas por estruturas e instituições sociais, políticas e econômicas. Por conseguinte, trata-se também de reconciliação e de paz entre os povos e até entre grupos sociais de um mesmo povo dilacerado em conflitos internos.

Sem dúvida, a misericórdia não suplanta a justiça, mas a supõe e excede, impedindo-a de “cair no legalismo, falsificar o seu sentido original e obscurecer o valor profundo que a justiça tem” (MV 20). Francisco mostra como o próprio Jesus e, no seu seguimento, Paulo, superaram a perspectiva legalista dos fariseus do

seu tempo, concluindo finalmente: “A justiça de Deus é o seu perdão (cf. Sl 51, 11-16)” (*ibid.*).

Igreja pobre, dos pobres e para os pobres. Se tivermos em conta tanto as preferências do amor misericordioso de Deus Amor quanto a atual gravíssima crise socioambiental, sofrida sobretudo pelos mais frágeis, desembocamos quase espontaneamente no anseio do Papa por “uma Igreja pobre para os pobres”.

Francisco afirma que se vê melhor a realidade em sua totalidade a partir da periferia do que do centro. É por isso que ele olha para a Igreja e para o mundo a partir de Cristo em sua *kenosis*, a partir dos pobres e excluídos, dos marginalizados. Com essa perspectiva, movido pela misericórdia, expressou, no início do seu pontificado: “Quero uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198). Desse modo, assume a agenda inacabada do Vaticano II. Logo antes do Concílio, São João XXIII afirmara: “Diante dos países pobres, a Igreja apresenta-se como é e deseja ser: a Igreja de todos, mas especialmente a Igreja dos pobres” ([Mensagem radiofônica](#), 11/set./1962) [...]

É importante recordar que, depois do Sínodo sobre a Justiça (1971), que declarou a luta pela justiça no mundo como uma dimensão constitutiva da evangelização, surgiu a questão de saber se ela é um constitutivo essencial desta ou apenas integrada a ela. Pois, por exemplo, minhas mãos são partes integrantes de mim mesmo, mas, se estiverem faltando, não perco minha identidade. Em vez disso, minha alma e meu corpo compõem minha própria essência. Essa pergunta só foi claramente respondida por São João Paulo II que, na [Redemptor hominis](#) (RH), afirmou:

“A Igreja [...] considera esta solicitude pelo homem, pela sua humanidade e pelo futuro dos homens sobre a face da terra e, por consequência, pela orientação de todo o desenvolvimento e progresso, como um elemento essencial da sua missão, indissolúvelmente ligado com ela. E o princípio de uma tal solicitude encontra-o a mesma Igreja no próprio Jesus Cristo” (RH 15).

Os pobres como sujeitos. Em um [artigo](#), o teólogo venezuelano Pedro Trigo compara a expressão de São João XXIII “Igreja dos pobres” com a de Francisco, e diz que poderiam ser interpretadas de três modos distintos: (1) uma Igreja para os pobres, a seu serviço, mas não necessariamente ela mesma pobre,

o que não corresponde à ideia de Francisco; (2) uma Igreja em que os pobres “se sintam em casa”, que São João Paulo II e o próprio Francisco afirmam explicitamente (cf. EG 199) e, na minha opinião, já foi amplamente alcançado; (3) além disso, os pobres se tornarem sujeitos ativos e privilegiados da vida e da missão da Igreja. Penso que o desejo expresso por Francisco é tornar realidade esta terceira interpretação, incluindo as outras duas.

Na *Evangelii gaudium*, o Papa afirma: “Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus ‘manifesta a sua primeira misericórdia a eles’ (cf. São João Paulo II, [Homilia durante a Santa Missa pela evangelização dos povos](#)) [...] Como ensinava Bento XVI, esta opção ‘está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza.’[165] Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofrido. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles:

não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas, também, a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar por meio deles” (EG 198).

De um parágrafo tão rico, gostaria agora de tomar dois pontos-chave. Em primeiro lugar, o caráter de sujeitos ativos – não só pessoalmente, mas também comunitariamente ativos – que é reconhecido aos pobres. E, em segundo lugar, que eles devem ser “colocados no centro do caminho da Igreja” (*ibid.*), isto é, no centro da sua vida e missão.

Para o povo de Deus e todos os povos. Mas para Francisco não se trata apenas da Igreja, do povo de Deus concebido como um poliedro em que os pobres ocupam um lugar central, mas também dos poliedros que devem compor cada povo e a comunidade global dos povos, numa globalização justa e solidária, em cuja construção os pobres devem desempenhar um papel não só comunitário e ativo, mas, também, criativo e protagonista, em alternativa à atual. Daí a estima que o Papa demonstra pelos movimentos populares e por sua rede mundial. É por isso que, quando os reuniu pela primeira vez em Roma, em 28 de outubro de 2014, exortou-os, dizendo:

“Vós sentis que os pobres não

esperam mais e querem ser protagonistas; organizam-se, estudam, trabalham, exigem e, sobretudo, praticam aquela solidariedade tão especial que existe entre quantos sofrem [... Solidariedade] é também lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais. É fazer face aos efeitos destruidores do império do dinheiro: as deslocções forçadas, as emigrações dolorosas, o tráfico de pessoas, a droga, a guerra, a violência”. ([Discurso aos participantes no Encontro Mundial dos Movimentos Populares](#), 28/out./2014)

Francisco contrasta a exclusão pelo sistema, a consequente cultura do descarte e a globalização da indiferença, com a criatividade e a criação de novidade na história, que ele observa nos movimentos populares: “Não obstante esta cultura do descarte, esta cultura da demasia, muitos de vós, trabalhadores excluídos, em excesso para este sistema, inventastes o vosso trabalho com tudo o que parecia não poder ser mais usado, mas vós, com a vossa habilidade artesanal, que Deus vos deu, com a vossa busca, com a vossa solidariedade, com o vosso trabalho comunitário, com a vossa economia popular, conseguistes e estais a conseguir... E, deixai que vos diga, isto, além de ser

trabalho, é poesia! Obrigado” (*idem.*)

Enquanto na *Evangelium gaudium*, se referiu ao papel central ativo dos pobres na Igreja, Francisco em seus três encontros mundiais com os movimentos populares mostra outro aspecto mais amplo dessa realidade. Com efeito, leva a nível mundial a opção pelos pobres e pela Igreja dos pobres, sem distinguir fé ou não fé, esta ou aquela confissão religiosa ou não religiosa, abraçando-os todos como criadores de um futuro possível e melhor. Observa:

“Sei que entre vós há pessoas de diferentes religiões, ofícios, ideias, culturas, países, continentes. Hoje, eles estão praticando aqui a cultura do encontro, tão diferente da xenofobia, da discriminação e da intolerância, que vemos com tanta frequência. Entre os excluídos, há aquele encontro de culturas no qual o todo não anula a particularidade” (*Ibidem.*)

* Agradecemos à *Revista Teologia*, da Universidade Católica Argentina, na pessoa de seu diretor, Padre José Carlos Caamaño, pela autorização da publicação deste trecho do artigo “El Evangelio de la misericordia según el espíritu de discernimiento. La Ética Social del Papa Francisco” (*Revista Teologia*, LV (126), setembro 2018: 145-162).

** Sacerdote jesuíta, falecido em 2019, foi professor de teologia na Faculdades Jesuíta de Filosofia e Teologia de San Miguel (Argentina). Fez seu doutorado na Universidade de Munique e foi colaborador permanente de *La Civiltà Cattolica*. É considerado um dos maiores influenciadores do pensamento de Jorge Mario Bergoglio.

“Eu sou um pecador. Esta é a melhor definição. E não é um modo de dizer, um gênero literário. Sou um pecador [...] Sou um pecador para quem o Senhor olhou. Sou alguém que é olhado pelo Senhor. A minha divisa, *Miserando atque elegendo* [tirada de uma Homilia de São Beda, o Venerável, comentando a vocação de São Mateus], senti-a sempre como muito verdadeira para mim”. Papa Francisco, respondendo à pergunta “Quem é Jorge Mário Bergoglio?” (Entrevista a Padre Antonio Spadaro, 19/ago/2013)

“Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”. (*Misericordiae Vultus*, Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 11/abr/2015)



Caravaggio, *Vocação de São Mateus* (detalhe). Capela Contarelli, Roma.

Povo e democracia no pensamento de Jorge Bergoglio / Papa Francisco

Rodrigo Guerra Lopes*

A raiz corrompida de uma sociedade global baseada no descarte leva a uma tensão estrutural no interior da condição humana, uma tensão que pode mostrar, mais uma vez, que cada pessoa e cada comunidade é feita para transcender, para buscar a plenitude da vida na verdade, bondade, beleza e justiça. Assim, partindo sempre de baixo e da periferia, com modéstia e perseverança, poderemos mostrar que “a reconciliação restauradora nos reanimará e nos fará perder o medo de nós mesmos e dos outros” (*Fratelli tutti*, FT 78)

Quem deve ser o sujeito da política? Alguma classe social? O governo? Os partidos? Os “políticos”? Jorge Mario Bergoglio observou que os políticos, os grupos políticos e as instituições do Estado moderno vivem uma ruptura essencial com a vida real das pessoas concretas. “A nossa política não esteve, muitas vezes, decididamente ao serviço do bem comum, tornou-se um instrumento de luta pelo poder ao serviço dos interesses individuais e setoriais, de posicionamento e ocupação de espaços, em vez de conduzir processos. Não soube (não quis ou não soube) estabelecer limites, contrapesos e equilíbrios ao capital, de modo a erradicar a desigualdade e a pobreza que são os flagelos mais graves de nosso tempo” (BERGOGLIO, J.M. *Nosotros como ciudadanos, nosotros como Pueblo*. Buenos Aires: Comisión de Pastoral Social, 2010).

Para ele, o déficit da política, sua dissolução, reside no fato de que não nasce do povo, não se faz junto-com-o-povo e, portanto, muitas vezes não serve ao povo. O ressurgimento da

Para Jorge Mario Bergoglio / Papa Francisco, a realidade social e política não se constrói a partir da lógica do poder e dos poderosos, mas do ethos, o modo de ser, com seus valores e particularidades, que anima a vida das pessoas. Não coloca unilateralmente a questão política nas dinâmicas do poder, mas olha sobretudo – não exclusivamente – para a importância da construção de um sujeito social inscrito num percurso histórico.

política ocorre quando os cidadãos se descobrem parte de um povo. Descobrir-se “povo” é uma rica experiência: fraternidade cotidiana, generosidade sem expectativas, valorização de um *ethos* vivo que norteia a existência, rejeição da massificação e, portanto, do anonimato. Descobrir um povo significa usar a tradição como hipótese a ser verificada em cada geração e como impulso para repensar o que deve ser feito para promover concretamente o bem comum.

O povo não é adequadamente explicado a partir da racionalidade que rege as sociedades atuais (cf. FT 158, 163). O povo é uma comunidade constituída por uma cultura e uma história, o povo é o lugar de pertencimento natural do ser humano, onde herda, caminhando com os outros, um patrimônio, que recria com seus esforços rumo ao futuro. O povo tem que emergir na responsabilidade cívica, na participação social e na luta política responsável – que não deve ser separada de sua raiz, mas, sim, estar a seu serviço.

Isso requer pessoas e comunidades nas quais, por meio da pertença, se possa desenvolver um caminho educativo comum: “Nada sólido e duradouro

pode ser obtido se não for forjado por meio de uma vasta tarefa de educação, mobilização e participação construtiva dos povos” (BERGOGLIO, J.M. *Prólogo* [in] CARRIQUIRY, G. *Una apuesta por América Latina*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2005).

Populismo e democracia. Nessa leitura, o populismo a que se refere a *Fratelli tutti* (FT) é viabilizado pela fragilidade da cultura democrática de algumas nações. A sua natureza surge quando um líder cativa a população procurando “instrumentalizar politicamente a cultura do povo, sob qualquer signo ideológico, a serviço do seu projeto pessoal e da sua permanência no poder. Outras vezes, procura aumentar a popularidade fomentando as inclinações mais baixas e egoístas de alguns setores da população. E o caso agrava-se quando se pretende, com formas rudes ou sutis, o servilismo das instituições e da legalidade” (FT 159). Algo que deve ser destacado, nesta citação, é que Francisco aponta que o populismo atual pode ocorrer “com qualquer signo ideológico”, há neopopulismos de direita e de esquerda.

O neopopulismo, embora pretenda

estabelecer-se como expressão autêntica do povo, ao minar a sua liberdade, ao manipular o seu *ethos* cultural e histórico, “ignora a legitimidade da noção de povo” (FT 157). A realidade do “povo” se for fragilizada, deformada ou manipulada, condiciona a existência das democracias, pois estas, em qualquer das suas definições, apelam precisamente ao povo como dimensão constitutiva e incontornável.

É por isso que o Papa Francisco aprecia muito o potencial dos “movimentos populares” que crescem de baixo e, pouco a pouco, se encontram e criam sinergias entre si. Para entender o real papel desses movimentos, é preciso dizer que fazer política “para o povo” não é o mesmo que fazer política “a partir do povo”, ou seja, a partir do afeto e do pertencimento real a uma comunidade unida por sua cultura e sua história, que se põe em movimento.

A democracia, como toda realidade política, é frágil, imperfeita e gera decepções. No entanto, em seu nome mora o ideal de uma participação mais igualitária que limite o despotismo e sua violência. Hoje, mais do que nunca, a democracia precisa do *povo*, do povo real, como remédio saudável. A democracia exige ser capaz de gerir a vida humana imperfeita, individual e comunitária, respeitando as condições que a impedem de cometer suicídio político.

No povo está a resposta. Bergoglio não para de insistir em olhar para a realidade do povo, ou seja, para a necessidade de viver em simbiose com o povo, de ser povo, para gerir o bem comum e não provocar uma separação metodológica e existencial entre os políticos e as pessoas reais, aquelas que sofrem e das quais é muito fácil falar sem realmente compartilhar suas vidas. Repensar a política e reconstruí-la em sua natureza autêntica não envolve tanto círculos intelectuais ou grupos supostamente “estratégicos” que buscam reorganizar a sociedade de acordo com o bem.

As elites e os grupos políticos só contribuem realmente para o bem comum quando vivem e trabalham a partir de uma profunda pertença e adesão voluntária a um estilo de vida que não está separado do povo, de sua história, de seus desejos, de seu *ethos* real. Só assim é possível compreender o potencial mobilizador e sensibilizador da categoria “povo que caminha na história”. Só assim é possível reconstruir, a partir de baixo e da periferia, aquilo que muitas vezes o “vértice” e o “centro” não conseguem construir.



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Quando é descartado, o povo é privado não só do bem-estar material, mas inclusive da dignidade de agir, de ser o protagonista da sua história, do seu destino, de se expressar com os seus valores e a sua cultura, da sua criatividade e da sua fecundidade. Portanto, para a Igreja, é impossível separar a promoção da justiça social do reconhecimento dos valores e da cultura do povo, incluindo os valores espirituais que são a fonte do seu sentido de dignidade. Nas comunidades cristãs, estes valores nascem do encontro com Jesus Cristo, que procura incansavelmente quantos estão desanimados ou desorientados, indo até os limites da existência para ser rosto e presença de Deus, para ser “Deus conosco” (*Mensagem do Papa Francisco à Conferência “Uma política enraizada no povo”, 15/abr/2021*)

* Secretário do Pontifício Conselho para a América Latina, Doutor em Filosofia; membro das Pontifícias Academias para a Vida e das Ciências Sociais.

O diálogo socioambiental a partir da *Laudato si'*

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

São Paulo VI já se referia à questão ecológica e à crise ambiental, na *Oc-togesima adveniens* (OA 21), de 1971. Em um *discurso* à Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), em 1970, antes mesmo da primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (Estocolmo, 1972) já advertia: “Por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, [o ser humano] começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação”. Seus sucessores continuaram a se referir ao tema, mas a comunidade católica mundial só incorporou sistematicamente a perspectiva socioambiental com a *Laudato si'* (LS), do Papa Francisco, publicada em 2015. É a partir daí que podemos pensar num diálogo efetivo entre movimento ambientalista e pensamento social católico, com ambos se enriquecendo mutuamente.

A contribuição do ambientalismo.

Ainda que tanto interesses econômicos quanto posicionamentos ideológicos e partidários contaminem os debates sobre o tema, existe atualmente um consenso sobre a gravidade dos desafios ecológicos, por força da observação empírica, dos dados científicos e da sucessão crescente de desastres naturais que acometem o planeta. Assim, seguindo todos os papas desde São Paulo VI (cf. LS 3-6), também a comunidade católica vem se comprometendo cada vez mais com essa luta pela “casa comum”.

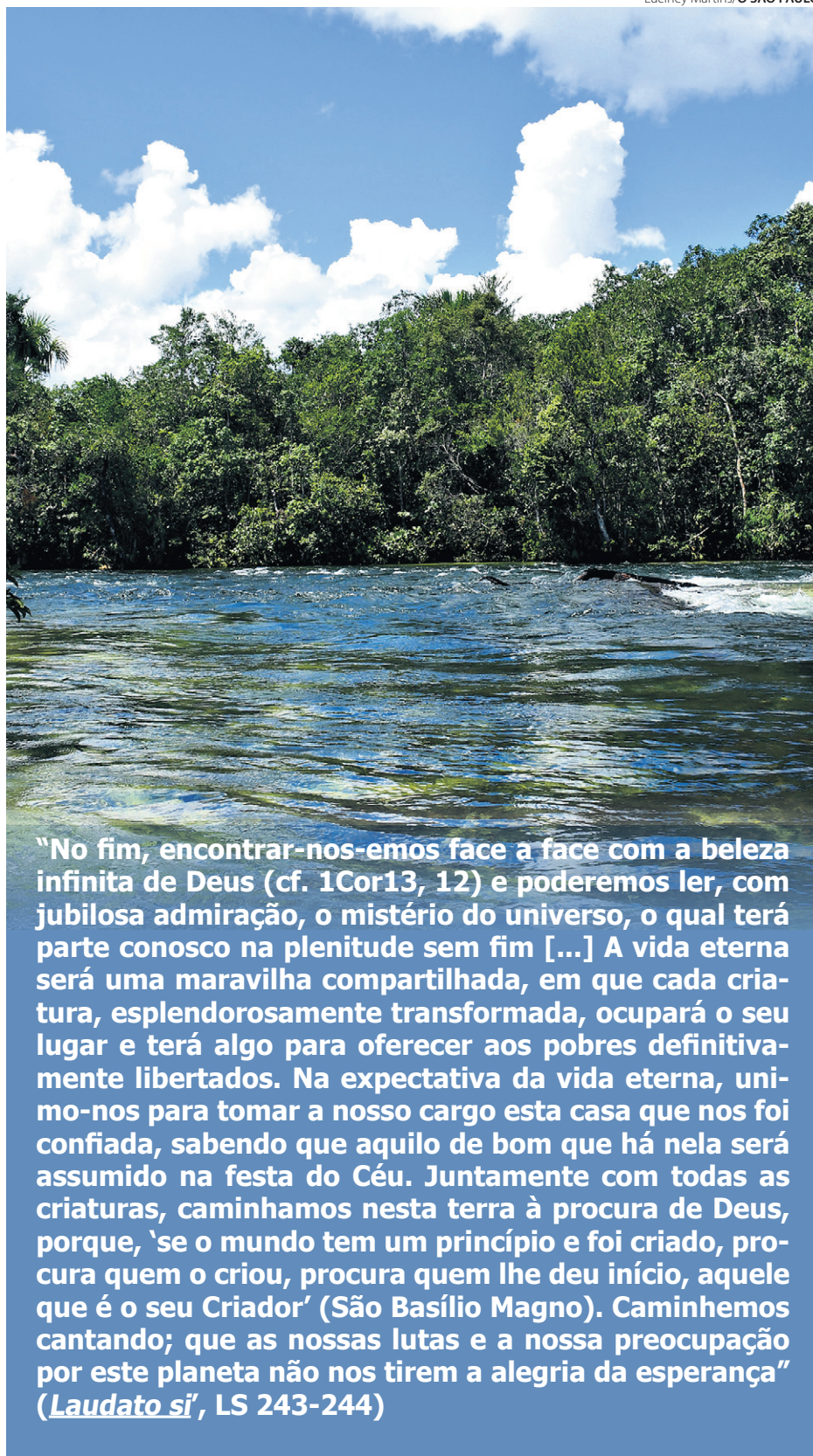
A *Laudato si'* marca o reconhecimento definitivo desta crise ambiental, tanto em nível mundial quanto local, pela comunidade católica. A “ecologia integral”, que considera a interligação entre todas as coisas e o aspecto social das ameaças ambientais, aporta uma consciência crescente da necessidade de incluir a dimensão ambiental nos trabalhos e na espiritualidade das comunidades cristãs.

A crise do ambientalismo utópico e a contribuição de Francisco.

O movimento ecológico tem originalmente um aspecto utópico, de busca de “um outro mundo possível”. Contudo, à medida que a crise ecológica e seus desdobramentos passaram a ser reconhecidos por governos, empresários e lideranças sociais em geral, as metas ambientalistas, para muitos, não foram pensadas nessa perspectiva utópica, mas apenas como possibilidade de “evitar o pior para este mundo”, oportunidades para o ecomercado e a expansão capitalista, minando a busca por um outro modo de viver, crítico ao consumismo e ao materialismo ocidental – para desgosto de muitos militantes desejosos de uma mudança mais profunda da sociedade.

Nesse contexto, Francisco e a *Laudato si'* surgiram como uma injeção

*O Papa Francisco, na **Laudato si'** (LS) lê a realidade a partir do confronto entre o amor/cuidado que respeita, inclui e protege os fracos e toda a criação, e o poder/dominação que degrada, explora e descarta as pessoas e a natureza. Não fomos educados para um “reto uso” tanto da ciência quanto da economia (LS 102-105) e por isso, precisamos da ‘conversão ecológica’ pessoal (LS 202ss) e do diálogo social e político para superarmos a crise ecológica e construir uma sociedade mais justa e humana (LS 163ss).*



“No fim, encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (cf. 1Cor13, 12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte conosco na plenitude sem fim [...] A vida eterna será uma maravilha compartilhada, em que cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados. Na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu. Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus, porque, ‘se o mundo tem um princípio e foi criado, procura quem o criou, procura quem lhe deu início, aquele que é o seu Criador’ (São Basílio Magno). Caminhamos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança” (*Laudato si'*, LS 243-244)

de idealismo, esperança e amor a revitalizar o movimento ecológico e energizar a juventude. O Papa que se despira dos sinais de poder eclesial, que testemunhava com seus gestos um amor concreto pelos excluídos e empobrecidos, abraçava a questão ecológica não apenas com o pragmatismo ditado pela gravidade da crise ambiental, mas com o

carinho de quem “sonha” um mundo mais humano – como retoma na *Querida Amazonia*, com seus quatro sonhos: social, cultural, ecológico e eclesial. Com a mediação da figura de São Francisco de Assis, a espiritualidade cristã retoma seu papel seminal diante do movimento ecológico – e não se pode deixar de notar a afinidade entre um movimento que vê todas

as coisas integradas e a experiência religiosa, que “religa” o ser humano ao Criador de todas as coisas e à sua criação.

Falando sobre a conversão ecológica, à qual todos estão chamados, o Papa escreve: “Ajudam a enriquecer o sentido de tal conversão várias convicções da nossa fé, como, por exemplo, a consciência de que cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir ou a certeza de que Cristo assumiu em Si mesmo este mundo material e agora, ressuscitado, habita no íntimo de cada ser, envolvendo-o com o seu carinho e penetrando-o com a sua luz; e ainda o reconhecimento de que Deus criou o mundo, inscrevendo nele uma ordem e um dinamismo que o ser humano não tem o direito de ignorar [...] Convido todos os cristãos a explicitar esta dimensão da sua conversão, permitindo que a força e a luz da graça recebida se estendam também à relação com as outras criaturas e com o mundo que os rodeia, e suscite aquela sublime fraternidade com a criação inteira que viveu, de maneira tão elucidativa, São Francisco de Assis” (LS 221).

A ecologia integral é afetiva e espiritual.

A falta de vivência com a questão ecológica levou os próprios cristãos a pensar na ecologia integral da *Laudato si'* a partir do paradigma “todas as coisas estão interligadas”. Tal paradigma está presente, de fato, na ecologia integral, assim como em todo o pensamento ecológico. A especificidade do adjetivo “integral” está em outro lugar: na capacidade de integrar a dimensão afetiva, a estética e a espiritual à militância ambientalista. Também aqui não se pode falar propriamente numa “exclusividade”, essas dimensões sempre foram importantes para os ambientalistas, mas raras vezes foram vistas como essenciais para a resolução dos problemas ecológicos.

Segundo Francisco, para solucionar os problemas ecológicos, “é necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade. Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria” (LS 63). Essa integração é possível a partir de um amor que “cuida” tanto da natureza quanto dos irmãos: “o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma cultura do cuidado que permeie toda a sociedade” (LS 231).

* Coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP.

Francisco e a economia que faz viver

Luigino Bruni*

O século XX foi aquele em que se tentou uma crítica sistemática do capitalismo, mas justamente no momento em que este atingia o seu apogeu. O movimento socialista e o movimento social-cristão tinham em comum a busca de algo novo que superasse a forma capitalista sem renunciar a muitos dos elementos civilizatórios do mercado – as muitas ‘terceiras vias’.

No século XXI, o capitalismo tornou-se o ambiente em que vivemos e pensamos e, por isso, perdemos a capacidade cultural de olhá-lo, analisá-lo e criticá-lo, para poder colocar-lhe as questões fundamentais da justiça, da verdade e da igualdade. Mesmo as diversas formas de empresa responsável, ou a própria economia social e sem fins lucrativos, muitas vezes são concebidas dentro da lógica capitalista, à qual seguem, e se mostram cada vez mais necessárias para o bom funcionamento do sistema. Na verdade, como o sociólogo francês Luc Boltanski há muito lembra, a característica típica desse capitalismo é sua capacidade de “reciclar” seus inimigos e colocá-los a seu serviço.

Nos tempos de São João Paulo II e Bento XVI, a Igreja geralmente subestimou o significado ‘religioso’ e idolátrico do capitalismo, porque estava comprometida, em um caso, com a luta contra o comunismo e, no outro, na batalha teológica contra o relativismo – e não percebeu que um inimigo muito mais sutil estava vestido com a roupagem cultural do Cristianismo (como nos lembrava W. Benjamin: o capitalismo é um parasita do Cristianismo), ocupando a alma do Ocidente e do mundo inteiro.

A economia que mata. Neste clima cultural dentro e fora da Igreja, o

O Papa Francisco sempre deu grande importância às questões econômicas. É bem conhecida sua condenação à “economia que mata”, mas também encontramos, em seu magistério, o estímulo à construção de uma economia que faz viver, como demonstrado pela Economy of Francesco, que congrega milhares de jovens e inumeráveis projetos em todo o mundo.

discurso do Papa Francisco sobre a economia representa uma descontinuidade em relação aos seus predecessores imediatos, embora esteja ligado, de certa forma, à [Popolorum progressio](#) de São Paulo VI.

O Papa Bergoglio escreveu a primeira palavra sobre economia, em seu pontificado, na noite de 13 de março de 2013, quando escolheu seu nome. Francisco é uma mensagem, uma mensagem plural, e é, também, uma mensagem para a economia. Não é apenas sobre a pobreza, porque Francisco é também uma mensagem dirigida à teoria econômica e às finanças. A primeira escola de economia da Idade Média floresceu dos franciscanos, e deles nasceram os primeiros bancos populares europeus: são os *Monti di Pietà*, centenas de instituições de crédito nascidas dos observantes franciscanos entre 1458 e o Concílio de Trento. Francisco de Assis não é só pobreza, é também riqueza, ainda que na perspectiva paradoxal e profética do Evangelho, que proclama “bem-aventurados os pobres”.

O Papa Francisco atribuiu imediatamente grande importância à economia. Suas encíclicas, incluindo [Amoris laetitia](#) – sobre a família, têm muitas palavras e parágrafos dedicados às questões econômicas. Percorrendo seu ensinamento econômico

da [Evangelii gaudium](#) (EG) à mensagem para os jovens da ‘Economia de Francisco’ em Assis em setembro de 2022, podemos tentar um primeiro balanço e dar uma primeira olhada no todo.

No início, o Papa Bergoglio apresentou uma visão crítica e substancialmente negativa da economia, que via essencialmente como um lugar de exploração dos pobres, que descartava pessoas e produtos para o meio ambiente. Este é o sentido das teses da *Evangelii gaudium*, encerradas na sua frase mais conhecida: a economia que mata (EG 53ss).

Esse seu olhar crítico sobre a economia surgiu, sobretudo, da sua visão das finanças, que acabou por abarcar toda a realidade econômica. Além disso, a grande atenção de Francisco à ecologia e ao meio ambiente (outra nota franciscana) produziu e produz um julgamento muito duro sobre o capitalismo que está prejudicando seriamente a criação.

A economia que faz viver. Ao longo dos anos, graças ao diálogo e à sua capacidade de escuta, Francisco explicitou mais a coexistência, na economia, entre a luz e a sombra, o trigo e o joio, os vícios e as virtudes, falando inclusive da economia do ‘bom samaritano’, a parábola em torno da qual construiu a [Fratelli tutti](#), que na Igreja

cresce ao lado da ‘economia de Judas’ e que a supera ([Discurso na Assembleia da Confindustria](#), 12/set./2022).

Esse olhar mais positivo inspira também todas as suas quatro mensagens ([2019](#), [2020](#), [2021](#) e [2022](#)) aos jovens da ‘Economia de Francisco’ – até porque, se falamos aos jovens, a crítica deve ser sempre acompanhada de um olhar generoso, que é essencial para eles (mas também para todos). O sistema econômico de amanhã só vai melhorar se, ao mesmo tempo em que denunciarmos a economia que mata, apontamos para aquela outra economia que faz viver.

Habitar a ambivalência. Em conclusão, a avaliação espiritual e ética da economia do Papa Francisco é marcada pela ambivalência. A vida econômica nada mais é do que uma expressão da vida dos indivíduos e dos povos – e a vida é ambivalente. A antropologia bíblica sabe que Adão é o pai de Abel e Caim, assim como sabe que Judas foi um dos doze apóstolos, não apenas o administrador das finanças da comunidade.

Habitar a ambivalência da economia significa, sobretudo, evitar as ideologias, de direita ou de esquerda, que, esquecendo essa ambivalência, consideram apenas os aspectos bons ou maus de cada posição econômica, como se estes representassem tudo.

O magistério de Francisco é, portanto, uma cura para a ideologia econômica dominante, uma cura que é a expressão concreta de um dos princípios metodológicos que ele enunciou no início de seu pontificado: a realidade é superior à ideia. Até na economia.

* Coordenador científico da *Economy of Francesco*, economista e professor universitário.



Gostaria de vos deixar três indicações:

- 1ª.) Olhai para o mundo por meio dos olhos dos mais pobres. O movimento franciscano soube inventar na Idade Média as primeiras teorias da economia e até os primeiros bancos solidários (montepios), porque olhava para o mundo com os olhos dos mais pobres [...] Mas para ter o olhar dos pobres e das vítimas é preciso conhecê-los, é preciso ser amigo deles. E, acreditai em mim, se vos tornardes amigos dos pobres, se partilhades a vida deles, também partilhareis algo do Reino de Deus, porque Jesus disse que deles é o Reino dos Céus, e por isso são bem-aventurados (cf. Lc 6, 20).
- 2ª.) Sois, sobretudo, estudantes, estudiosos e empresários, mas não vos esqueçais do trabalho, não vos esqueçais dos trabalhadores. O trabalho das mãos. O trabalho é agora o desafio do nosso tempo, e será ainda mais o desafio de amanhã. Sem trabalho digno e bem remunerado, os jovens não se tornam realmente adultos, as desigualdades aumentam. Às vezes, consegue-se sobreviver sem trabalho, mas não se vive bem. Por conseguinte, enquanto criais bens e serviços, não vos esqueçais de criar trabalho, trabalho bom e trabalho para todos.
- 3ª.) Encarnação. Em momentos cruciais da história, quem soube deixar uma boa marca, fê-lo porque traduziu os ideais, os desejos e os valores em obras concretas. Ou seja, encarnou-os. Além de escrever e fazer congressos, aqueles homens e mulheres deram vida a escolas e universidades, a bancos, sindicatos, cooperativas e instituições. Mudareis o mundo da economia se, com o coração e a cabeça, usardes também as mãos [...] As obras são menos “luminosas” do que as grandes ideias, porque são concretas, particulares, limitadas, com luz e sombra ao mesmo tempo, mas dia após dia fecundam a terra: a realidade é superior à ideia (cf. *Evangelii gaudium*, EG 233).

(Discurso aos participantes da ‘Economia de Francisco’, 24/set/2022)

Sinodalidade e família a partir do Papa Francisco

Rafael Cerqueira Fornasier*

*Na exortação apostólica pós-sinodal **Amoris laetitia** (AL) do Papa Francisco, lê-se que “a Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas” (AL 87). Dos muitos e variados temas concernentes à família ou às relações familiares dentro e fora da Igreja abordados pelo documento, vale a pena destacar a noção de Igreja como família de famílias, pois, no contexto de 10 anos de pontificado, Francisco resolveu enfrentar decididamente as questões relativas à vida familiar e à vida eclesial na atualidade. Ademais, as duas temáticas envolvem dois conceitos-chave para o Papa: a alegria e a fraternidade.*

Retomando o relatório final do Sínodo ordinário (2015) para a família (*Relatio finalis*), a *Amoris laetitia* (AL) afirma que “em virtude do sacramento do Matrimônio, cada família torna-se, para todos os efeitos, um bem para a Igreja. Nesta perspectiva, será certamente um dom precioso, para o momento atual da Igreja, considerar também a reciprocidade entre família e Igreja: a Igreja é um bem para a família, a família é um bem para a Igreja” (AL 87). Se situamos essa relação no momento atual da Igreja, é possível, e até necessário, elaborar uma analogia entre Igreja e família numa perspectiva de sinodalidade desejada para o hoje e o amanhã da missão da Igreja, entendida na concreta comunhão e participação.

No contexto da crise atual. O Papa, na *Evangelii gaudium* (EG), constata que “a família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos se reveste de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade” (EG 66). A crise cultural que marca os vínculos comunitários e sociais não afeta somente a família em suas relações, mas, também, a “família de famílias” ou “comunidade eclesial”, aproximando as expressões como o faz o Documento de Aparecida (DAP 119).

A analogia é clara quando a *Amoris laetitia* retoma novamente o relatório final do Sínodo ao postular que “os cônjuges são de certo modo consagrados e, por meio duma graça própria, edificam o Corpo de Cristo e constituem uma igreja doméstica (cf. *Lumen gentium*, LG 11), de tal modo que a Igreja, para compreender plenamente o seu mistério, olha para a família cristã, que o manifesta de forma genuína” (AL 67). O ser igreja doméstica da família cristã se concretiza por aqueles elementos mesmos das primeiras comunidades cristãs que desenham o rosto da Igreja, família de famílias, presentes nos

Atos do Apóstolos: “Os que haviam se convertido eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2, 42).

Se é verdade que para a Igreja compreender plenamente o seu mistério faz-se necessário olhar para a família cristã, torna-se urgente, senão vital para a vida eclesial, levar mais a sério a analogia entre Igreja e família sobretudo no que concerne ao *modus vivendi* (o modo de vida) da família, num contexto de transformação dos vínculos e das relações familiares a partir do encontro com Jesus Cristo.

Por uma forma eclesial familiar. Com a proposta de sinodalidade lançada pelo Papa Francisco, o *modus vivendi* (modo de viver) da Igreja está sendo debatido, a fim de deixar transparecer mais e melhor o seu *modus essendi* (modo de ser). Propor uma *forma eclesial familiar* significa operar uma analogia capaz de suscitar inadiáveis e fundamentais transformações no *modus vivendi* da Igreja. Nesse contexto, surge, de imediato, um questionamento sobre uma relação eclesial ainda muito “verticalizada”, marcadamente hierárquica, muitas vezes engessada num estilo “quase militar” do tipo superior-subalterno, verificado nas relações não só entre bispos, sacerdotes e diáconos, mas destes últimos com o restante do povo de Deus, e até mesmo no meio deste, em nossas diversas comunidades espalhadas pelo Brasil.

As relações familiares na contemporaneidade, sem tender para nenhuma ideologia, são, de fato, muito mais “horizontalizadas”. Afirma-se que na família cada membro é visto em sua totalidade. Pais e mães, mantendo a autoridade e a responsabilidade sobre os filhos, em particular os menores, procuram exercer seu ofício de modo mais dialogado, especialmente a partir da adolescência, por meio de argumentos convincentes sobre o que é o bom a ser buscado e o mal a ser evitado, sobre os projetos de



Não somente diria que a família é importante para a evangelização de um mundo novo. A família é importante, é necessária, para a sobrevivência da humanidade. Se não existe a família, a sobrevivência cultural da humanidade corre perigo. É a base, nos agrade ou não: a família (Entrevista à rádio da Arquidiocese do Rio de Janeiro, 27/jul/2013)

vida e as decisões pessoais e sociais. A relação entre o homem e a mulher tende a ser de reciprocidade mútua, em igual dignidade, valorizando ao mesmo tempo aquilo que é próprio do universo feminino e masculino. Em suma, as relações familiares, embora também provocadas pelas transformações e mudanças, podem ser exemplares para uma Igreja chamada a ser família de famílias.

No caminho sinodal. Se é verdade que todo corpo humano necessita de uma coluna vertebral, que se configura como “eixo vertical” desse corpo, também é verdade que sem uma estrutura óssea e uma massa muscular correspondentes – a dimensão “horizontal” do corpo, por assim dizer – esse corpo tende a se encurvar, dobrando sobre si mesmo, adquirindo uma postura irregular, deficiente e doentia. Sem negar, portanto, a necessidade de uma hierarquia – não somente entendida como aquela oficial – que seria a dimensão vertical da Igreja, reconhece-se que ainda há muito o que fazer para dar lugar a uma dimensão mais horizontal da vida eclesial. O *modus operandi* (modo de operar ou de fazer) eclesial ainda carece muito de transformações para se chegar a um *modus vivendi* de uma Igreja família de famílias. Com o afã de levar a cabo missões, planos de pastoral, projetos de evangelização ou até mesmo de ação social, muitas vezes as pessoas, incluindo os ministros ordenados, são quase que “instrumentalizados”, pois, o que conta, ao final, parece ser o bom êxito da ação. Nesse sentido, alegria e fraternida-

de no seio da família cristã e da vida eclesial ficam somente como palavras de documentos ou belos discursos.

Refletindo sobre o modo de se relacionar em família, o Papa Francisco afirma: “A pessoa amada merece toda a atenção. Jesus era um modelo, porque, quando alguém se aproximava para falar com Ele, fixava nele o seu olhar, olhava com amor (cf. Mc 10, 21). Ninguém se sentia transcurado na sua presença, pois as suas palavras e gestos eram expressão desta pergunta: ‘Que queres que te faça?’ (Mc 10, 51). Vive-se isso na vida cotidiana da família. Nela, recordamos que a pessoa que vive conosco merece tudo, pois tem uma dignidade infinita por ser objeto do amor imenso do Pai. Assim floresce a ternura, capaz de suscitar no outro a alegria de sentir-se amado” (AL 323).

A proposta de uma *forma eclesial familiar* sugere que tais atitudes vividas no seio da família, inspiradas nos gestos de Jesus, tornem-se igualmente atitudes eclesiais. Espera-se, assim, que com as perguntas: “você pode fazer isso?”, “você está disponível para essa missão?”, façam-se outras, tais como: “o que você pensa sobre isso?” e “como você está?”, a fim de que a Igreja, família de famílias, possa encarnar, de fato, a alegria e a fraternidade advindas da experiência de fé em Jesus Cristo.

* Doutor em Teologia, com especialização em ciências do Matrimônio e da família pelo Pontifício Instituto Teológico João Paulo II para as Ciências do Matrimônio e da Família (Pontifícia Universidade Lateranense, Roma-Itália); Membro do Conselho Internacional do mesmo Instituto; Professor da Universidade Católica do Salvador-BA.

Dois Franciscos: o Pobrezinho e o Papa

Marcos Aurélio
Fernandes*

O lema do Papa Francisco é “*Miserando atque eligendo*” (olhou-o com misericórdia e o escolheu). As palavras são de uma homilia de Beda, o Venerável (Hom. 21; CCL 122, 149-151): “*Vidit ergo Iesus publicanum et quia miserando atque eligendo vidit, ait illi: Sequere me*” (Jesus viu o publicano, e o viu com misericórdia, escolhendo-o, e lhe disse: Siga-me). O encontro entre o mísero e a misericórdia é a fonte do chamado ao seguimento de Jesus Cristo, ao seu discipulado. São Francisco de Assis fez a experiência da conversão crítica e evangélica como o encontro com o Deus do amor e com amor de Deus em sua gratuidade e ternura, amor que, em face da fragilidade e à miséria humana, se mostra como misericórdia. Em seu Testamento, Francisco de Assis recorda que sua passagem para o mundo da graça se fez ao ter sido conduzido pelo Senhor para entre os leprosos e ao fazer misericórdia com eles. O Papa Francisco nos evoca tal experiência, ao se lembrar dos últimos, dos menores, ao convidar ao encontro terno com eles, vindo-lhes em socorro, provocando-nos à experiência da compaixão e da misericórdia, essencial num mun-

Nomen est omen. Nome é presságio, diz um dito latino. Quando o Cardeal Bergoglio, em 2013, recebe o nome de Papa Francisco, inspirado na recomendação do franciscano Dom Cláudio Hummes – “Não se esqueça dos pobres!” – é um destino que de antemão se delinea. No coração de Bergoglio, São Francisco de Assis se apresentou como o homem da pobreza, da paz, do amor e da guarda do criado. O nome Francisco evoca o desejo de uma Igreja pobre para os pobres. Para reformar a Igreja, porém, é preciso que seja transformada a sua mente e o seu coração. Recordemos algumas direções desta transformação.

do tão dilacerado pelo sofrimento, pelas guerras e conflitos, pelas culpas humanas. Só a misericórdia de Deus, revelada em Jesus Cristo, pode salvar a humanidade e a própria Igreja.

Da misericórdia e de sua força que perdoa e salva, propiciando um recomeço ao ser humano, nasce a alegria e a paz. O Evangelho é uma mensagem de alegria, de jovialidade. Agraciado com a jovialidade do Crucificado e Ressuscitado, o ser humano pode se alegrar e viver em paz. A jovialidade conduz o ser humano ao livre e ao luminoso, à dimensão da *cháris*, isto

é, da benevolência, da gratuidade e da gratuidade do amor-caridade. São Francisco de Assis foi o homem da perfeita alegria, que vem da gratuidade do amor, que se experimenta na união com o Crucificado e que faz experimentar a força de sua Ressurreição, do novo céu e da nova terra que Dele nasce, da nova criação que irrompe no coração da velha criação. Assim, as [exortações apostólicas](#) do Papa Francisco chamam à alegria, ao gáudio, à exultação pascal.

O amor fraterno, gratuito e universal é a marca da identidade do

discípulo de Cristo. Esse amor revoluciona a convivência humana e propõe uma vida comunitária e social baseada não apenas na justiça, mas também na amizade social. A [Fratelli tutti](#) traça esse caminho de fraternidade universal vivida por São Francisco de Assis, de quem é tirado o nome da encíclica. O mundo moderno fez revoluções em nome da liberdade e em nome da igualdade, mas não fez em nome da fraternidade. A [Fratelli tutti](#) aponta nessa direção. E a [Laudato si'](#) estende o amor universal e o princípio da misericórdia àquela que São Francisco de Assis chamou de irmã e mãe Terra, bem como aos seus filhos, dando-lhe dimensões ecológicas.

A Terra é, entre os pobres, entre os esquecidos, a mais pobre e mais esquecida. A miséria da Terra e a dos pobres andam juntas. O Papa Francisco não cansa de chamar a uma conversão nesse sentido para o cuidado com a casa comum. É um chamado a habitar a Terra de outro modo: ao modo do cuidado do amor universal-concreto.

* Professor da Universidade de Brasília (Departamento de Filosofia).

A missão e o discernimento na trajetória do Papa jesuíta*

Francisco Borba
Ribeiro Neto**

Jorge Mario Bergoglio pertence a uma ordem missionária, nasceu e cresceu num continente de missão. Como papa, o mundo se torna seu campo de missão e a índole missionária molda seu comportamento como pontífice. Sua proposta eclesial não começa com mudanças estruturais, mas, sim, com “a transformação missionária da Igreja” ([Evangelii gaudium](#), EG 19ss), “indo às periferias”, sendo “Igreja em saída”. Não se trata de um ativismo... O missionário vive, de um modo ou de outro, nas periferias materiais ou existenciais, seu *modus operandi* é sempre “em saída”, procurando se adequar às necessidades do outro e encontrar a melhor forma de comunicar-se com ele. A paixão que move o missionário não é de ordem celebrativa, social ou política. Seu desejo é viver com Cristo e levá-Lo aos demais.

Nesse sentido deve ser lido, por exemplo, seu sonho eclesial em [Querida Amazonia](#) (QA): “Seria triste se [os pobres] recebessem de nós um código de doutrinas ou um imperativo moral, mas não o grande anúncio salvífico, aquele grito missionário que visa ao coração e dá sentido a todo o resto [...] Sem esse anúncio apaixonado, cada estrutura eclesial transformar-se-á em

É muito mais do que uma coincidência que o primeiro papa latino-americano seja também o primeiro papa jesuíta. Não seria possível contar, de forma fidedigna, a história de nosso continente sem falar na presença jesuíta. No Papa Francisco, encontramos essa estreita imbricação entre a alma latino-americana e o espírito inaciano. Ainda que Francisco faça questão de explicitar que não se trata de um “jesuitismo” no papado, o modo de ser jesuíta é fundamental para entendê-lo.

mais uma ONG e, assim, não responderemos ao pedido de Jesus Cristo: ‘Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura’ (Mc 16, 15)” (QA 63-64).

Numa [entrevista](#) concedida ao também jesuíta Antonio Spadaro, o Papa Francisco faz, provavelmente, a mais longa explicitação do significado da Companhia de Jesus em sua vida. Nela, declara que o discernimento é a maior ajuda que a espiritualidade inaciana deu para viver seu ministério. Em outra [ocasião](#), disse que o discernimento é uma das grandes contribuições da Companhia de Jesus à Igreja.

Em [14 catequeses](#), Francisco ex-

plícita como entende o discernimento. Mesmo que implique inteligência, perícia e esforço, não é algo apenas racional. Envolve os afetos e a vontade – pois podemos até entender uma coisa e nem assim aderir a ela. Não se resume também a uma análise da situação e da busca da solução mais racional. O discernimento é a ajuda para reconhecer os sinais pelas quais o Senhor se deixa encontrar nas situações e aderir às indicações que daí nascem. Pressupõe a amizade e a intimidade com Cristo, cultivadas na oração, o olhar atento para si mesmo, para as próprias potencialidades e pecados, bem como para a realidade.

Nesta prática do discernimento, podemos encontrar as raízes de muitos traços característicos de Francisco. Quem se conhece e vive na amizade com Cristo, se sabe pecador e tem a liberdade humilde de se confessar como tal e julgar o mundo a partir de sua condição de pecador redimido. A realidade se torna o palco apaixonante da revelação do amor de Deus por nós, as surpresas e mesmo as perturbações se apresentam como novas oportunidades para compreender melhor Sua vontade. As regras e as normas não perdem a validade, mas precisam continuamente ser compreendidas à luz da intimidade com Cristo, da atenção à realidade e do amor aos que sofrem.

Também da prática do discernimento vem sua insistência no ouvir, ponto forte da sinodalidade: “Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar é mais do que ouvir. É uma escuta recíproca, na qual cada um tem algo a aprender” ([Comemoração do Cinquentenário do Sínodo dos Bispos](#), 17/out/2015).

* Agradecemos ao Padre Carlos Alberto Contieri, S.J., pela leitura e sugestões ao texto original

** Coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP.